

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : 53

CLASS. : 54

DATA : 11 05 90

PG. : 7

ALVORADA VIDEO



Crianças mekronotis, tribo a que pertence Raoni, no documentário de Jean-Pierre Dutilleux e Luiz Carlos Saldanha

► 'Raoni'

Trilha de destruição

Um documentário correto e respeitoso, mas sem brilho

Roni Filgueiras

TUDO, rigorosamente tudo é passível de ser comercializado, na chamada sociedade de consumo. Até o que se considera inegociável. A intocada questão ecológica há muito virou artigo de butique. Encampada pela iniciativa privada, virou produto de consumo. Daí, o lançamento de *Raoni* pela Alvorada Vídeo, 14 anos depois do início de sua produção e 12 depois de lançado no mercado nacional.

Independente dos detalhes mercadológicos, o documentário de Jean-Pierre Dutilleux e Luiz Carlos Saldanha — concorrente ao Oscar de melhor documentário de 1979 — é sério, mas não brilha. Dutilleux e sua equipe foram até o Alto Xingu para registrar a luta e o massacre dos povos indígenas. Isso, antes da febre global em defesa da integridade da floresta Amazônica. Antes mesmo de Sting e Raoni correrem mundo e serem recebi-

dos por reis e rainhas, chefes de Estado e terem seus rostos estampados nos principais hebdomadários do planeta.

No princípio, a câmera está em Washington, onde índios norte-americanos de várias nações cruzam o país, a pé, até a capital. É a chamada grande marcha. Lá, eles tentam pressionar o congresso para o veto de medidas que consideram nocivas à sobrevivência de sua cultura. A narração é do eterno *outsider* Marlon Brando, o ator que sempre detestou atuar, mas "que não era louco de recusar todo aquele dinheiro" que os produtores lhe ofereciam. Neste, porém, sua participação foi *free of charge*.

Corte e tem-se uma tomada aérea do rio Amazonas, em seguida, do Xingu. A câmera passa a registrar então o cotidiano dos mekronotis, tribo do cacique Raoni. De repente, a paz da aldeia é abalada pela notícia de que bulldozers invadiram a reserva, numa aldeia vizinha. Tudo pela morosidade do governo federal em demarcar as fronteiras da reserva. Convo-

ca-se um conselho de guerreiros para avaliar a questão. A sugestão de Raoni, de tentar a intermediação da Funai antes do confronto corpo a corpo, é acatada.

Encontros e acordos selados por tapinhas nas costas de ambos os lados, resta agora a espera. No fim, sabe-se que a guerra que se seguiu fez vários mortos. Índios e brancos. *Raoni* é o registro de uma história. Ou melhor, de várias histórias, aquelas com agas maiúsculos. É um filme de branco recontando a história do índio e, em alguns momentos, a do próprio branco. O olhar é reconhecidamente o do outro. Não há constrangimentos. Não cai no didatismo nem na apologia do exotismo da cultura alheia. Guarda respeitoso distanciamento, ressaltando o que há de comum no gênero humano: a premissa de que todos os homens têm o direito de viver. Mas também não se aprofunda na denúncia, não entrega ninguém. Não aponta algozes.

O jovem guerreiro Aritana ensina que

preservar a história dos povos da floresta implica não só na conservação da identidade indígena, mas também de sua própria sobrevivência como povo. A certa altura, em São Paulo, Cláudio Villas-Boas aponta na rua para o cacique Raoni uma estátua de um bandeirante. "Ele é considerado um herói" conta, "mas massacrou seu povo", denuncia. É a história do vencedor e sua versão glorificante dos conflitos que dizimaram dezenas de nações. Supõe-se que o homem branco não sabe quem é, desconhece sua história. É um alienado. Daí a morte e a destruição que percorrem seus passos.

A trilha sonora é do excelente Egberto Gismonti, a fotografia premiada de Luiz Carlos Saldanha (*Câncer*, de Gláuber Rocha), em Gramado — levou também os prêmios nas categorias filme, montagem e música —, é prejudicada pelas dimensões da telinha. No fim dos créditos, uma conclamação: todos pensam que alguém está fazendo algo pelos índios. Mas se não for você, quem será?